



DACEC Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUÍ**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 24/07/2020 a 30/07/2020

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²

¹ Professor Titular do PPGDR e DACEC, na UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, Bacharel em economia pela UNIJUÍ, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUÍ, Pós-graduada do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUÍ e Bacharel em – Administração UNIJUÍ.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
24/07/2020	9,04	290,80	29,80	5,39	3,26
27/07/2020	9,06	292,50	29,60	5,27	3,25
28/07/2020	8,96	288,90	29,42	5,23	3,20
29/07/2020	8,91	286,90	29,67	5,32	3,15
30/07/2020	8,91	289,80	29,98	5,29	3,15
Média	8,98	289,78	29,69	5,30	3,20

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média*	
RS – Panambi	107,00	
RS – Não Me Toque	106,50	
RS – Londrina	100,00	
PR – Cascavel	100,00	
MT – C.N.Parecis	103,00	
MS – Maracaju	108,00	
GO - Rio Verde	94,00	
BA – L.E.Magalhães	101,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	50,00	CIF
Porto de Paranaguá	50,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	44,00	
SC – Rio do Sul	44,00	
PR – Cascavel	43,50	
PR – Londrina	43,50	
MT – C.N.Parecis	36,00	
MS – Maracaju	38,00	
SP – Itapetininga	48,00	
SP – Campinas	50,50	CIF
GO – Rio Verde	39,00	
GO – Jataí	S/C	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	57,00	
RS – Não Me Toque	55,00	
PR – Londrina	58,00	
PR – Cascavel	60,00	

Período: 29/07/2020

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA com base em dados da Notícias Agrícolas.

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 30/07/2020**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	44,56	107,15	55,26

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
30/07/2020**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	63,46
Feijão (saco 60 Kg)	198,75
Sorgo (saco 60 Kg)	36,20
Suíno tipo carne (Kg vivo)	4,31
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,48**
Boi gordo (Kg vivo)*	7,17

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Junho/20 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

A cotação da soja, para o primeiro mês cotado, após romper o teto dos US\$ 9,00/bushel no final da semana passada, não conseguiu manter este nível por muito tempo e voltou a recuar durante a corrente semana. O fechamento desta quinta-feira (30) ficou em US\$ 8,91/bushel, contra US\$ 9,06 uma semana antes. Para comparação, um ano atrás, o bushel de soja nesta época valia US\$ 8,78. Portanto, em Chicago os valores da soja pouco se alteraram nos últimos 12 meses.

Dito isso, é importante frisar que não há, efetivamente, motivos altistas suficientes para manter as cotações nestes níveis. De um lado, a safra dos EUA transcorre muito bem, com o clima correspondendo, e de outro lado prosseguem os litígios políticos e comerciais entre EUA e China, o que atrapalha o mercado, embora os chineses continuem importando soja estadunidense. Assim, para Chicago se manter em um patamar mais alto será preciso notícias altistas consistentes.

Pelo lado da safra dos EUA, tais notícias estão distantes, já que as condições das lavouras daquele país, até o dia 26/07 melhoraram, com 72% atingindo a situação de boas a excelentes, 22% regulares e apenas 6% em condições entre ruins a muito ruins, sendo que 76% das lavouras estavam em floração e 43% em formação de vagens. Isso consolida a ideia de que, em o clima permanecendo assim durante o mês de agosto, a nova safra estadunidense poderá ver sua produtividade média se elevar entre 3% a 5% em relação ao previsto até o momento. Isso aumentaria o volume final a ser colhido naquele país, pressionando para baixo as cotações da oleaginosa em Chicago a partir do final de setembro.

Em paralelo, a União Europeia diminuiu suas importações de soja, para o ano 2020/21, em 17% até este final de julho, ao totalizar compras de um milhão de toneladas. Já em farelo de soja as compras chegaram a 1,17 milhão de toneladas, com recuo de 31%, enquanto as compras de óleo de palma somaram 285.000 toneladas, com recuo de 25%.

As exportações semanais de soja por parte dos EUA, para o ano 2020/21, atingiram a 382.371 toneladas apenas no dia 27/07, consolidando uma demanda interessante. A China teria comprado 132.000 toneladas ndaquele total. Como a disponibilidade de soja no Brasil e na Argentina, neste momento, já está bem menor, o país asiático se vê obrigado a comprar dos EUA, mesmo com os atritos entre os dois países. Já na semana encerrada em 23/07 os EUA embarcaram 472.680 toneladas da oleaginosa, ficando dentro das projeções do mercado. Com isso, o acumulado exportado no atual ano comercial chega a 38,8 milhões de toneladas, contra pouco mais de 40 milhões no mesmo período do ano anterior.

Apesar desta situação, ainda em junho os chineses compraram 11,2 milhões de toneladas de soja do Brasil, sustentando a alta dos prêmios locais como veremos logo adiante. Este volume foi 91% acima do que o importado no mesmo mês de 2019 e ainda 18,6% acima do que a China comprou em maio no Brasil. Já dos EUA, os chineses compraram apenas 267.553 toneladas em junho, ou seja, 56,5% a menos do que um ano atrás e 45,6% a menos do que haviam comprado em maio passado.

Esta forte demanda chinesa está sendo atribuída a recuperação, mesma que lenta, dos plantéis suinícolas chineses, após o auge da peste suína africana em 2018 e no ano passado.

Vale destacar, todavia, que os estoques de soja e farelo estão elevados na China, fato que começa a pesar sobre as margens de esmagamento das indústrias chinesas. Esta situação está sendo monitorada pelo mercado, pois poderá ter desdobramentos importantes nas próximas semanas.

Aqui no Brasil, os preços estabilizaram, apesar das fortes elevações dos prêmios nos portos nacionais. De fato, não havendo pressão altista de Chicago e com o câmbio recuando para valores abaixo de R\$ 5,20 por dólar em boa parte da semana, sobrou o prêmio para dar alguma sustentação aos preços internos. Neste último caso, em Paranaguá os mesmos variaram entre US\$ 1,35 a US\$ 1,45/bushel durante a semana, pelo lado comprador. Em alguns portos o prêmio já bate em US\$ 1,65/bushel, fazendo com que exportadores passem a acreditar que os mesmos possam atingir novamente a casa dos US\$ 2,00 nas próximas semanas.

Neste contexto, a semana fechou com a média de balcão gaúcha ficando em R\$ 107,15/saco (em fins de julho do ano passado a média gaúcha no balcão era de R\$ 68,88/saco). Por sua vez, nas demais praças nacionais, julho de 2020 fecha com os seguintes preços médios: R\$ 100,00/saco no Paraná; R\$ 103,00 em Campo Novo do Parecis (MT); R\$ 108,00 em Maracaju (MS); R\$ 94,00 em Rio Verde (GO); e R\$ 101,00/saco em Luís Eduardo Magalhães (BA).

Diante desta performance de preços, espera-se um novo aumento na área a ser semeada com soja no Brasil para a próxima safra. Seria o 14º ano consecutivo de aumento de área no país. A projeção é de uma área ao redor de 38 milhões de hectares, fato que poderia resultar, em clima normal, em quase 132 milhões de toneladas.

Enfim, a safra passada de soja já estaria com mais de 90% de seu total vendido, elevando a disputa pelo restante, enquanto ainda se está na entressafra dos EUA, fato que sustenta os prêmios em nossos portos e força importações por parte de empresas esmagadoras nacionais. Neste último caso, no acumulado de julho, o Brasil já teria comprado 66.000 toneladas da oleaginosa, contra apenas 12.700 toneladas em todo o mês de julho do ano passado.

Esta situação, como já frisamos no comentário passado, leva também as indústrias brasileiras a pagarem mais do que a exportação para garantir que a soja restante fique no Brasil. Isso igualmente mantém os preços internos aquecidos e em níveis de recordes nominais. Neste sentido, algumas indústrias brasileiras estariam alertando que os estoques de novembro a janeiro serão insuficientes para dar continuidade às atividades, salvo de houver reversão de negócios, ou seja, renegociação de contratos para trazer para o Brasil a soja que sairia para exportação.

MERCADO DO MILHO

A cotação do milho, para o primeiro mês cotado em Chicago, recuou nesta semana, fechando a quinta-feira (30) em US\$ 3,15/bushel, após US\$ 3,28 uma semana antes.

O clima positivo no Meio Oeste dos EUA impede que as cotações subam, já que as expectativas de produção local do cereal voltam a caminhar na direção das 400 milhões de toneladas, apesar de o relatório de oferta e demanda do USDA, deste mês de julho, indicar uma safra de 381 milhões de toneladas, assim como as projeções do Conselho Internacional de Grãos.

O sentimento de uma safra ainda maior vem do fato de que as condições das lavouras estadunidenses, até o dia 26/07, terem melhorado sensivelmente, atingindo também 72% entre boas a excelentes. Outros 21% estão regulares e apenas 7% em condições entre ruins a muito ruins. Cerca de 22% das lavouras estão em fase de enchimento de grãos naquele país, contra a média histórica de 17%.

Por outro lado, os embarques semanais de milho por parte dos EUA atingiram a 797.487 toneladas, ficando abaixo do esperado pelo mercado na semana anterior. Assim, no acumulado do corrente ano comercial, os EUA exportaram, por enquanto, um total de 37,2 milhões de toneladas de milho, 16% a menos do que no mesmo período do ano anterior.

Por sua vez, na Argentina a colheita do milho safra 2019/20 chegou a 95% da área no início desta semana, estando 26 pontos percentuais acima do comportamento do ano anterior. Diante de uma produtividade média de 8.230 quilos/hectare obtida até o momento, os especialistas locais calculam que o volume total da safra possa chegar a 53 milhões de toneladas, contra as 50 milhões inicialmente previstas.

Já no Brasil o mercado segue variável, com forte volatilidade em função da colheita da safrinha. Onde há escassez do cereal e quebra da safrinha os preços estão em elevação. Onde a safrinha avança positivamente o mercado registra preços em recuo.

Assim, o balcão gaúcho fechou a semana em R\$ 44,56/saco (um ano atrás o balcão gaúcho estava pagando R\$ 32,07/saco). Nas demais praças os preços fecharam esta semana da seguinte forma: R\$ 44,00 em Rio do Sul (SC); R\$ 43,50 em Londrina e Cascavel (PR); R\$ 36,00 em Campo Novo do Parecis (MT); R\$ 38,00 em Maracaju (MS); R\$ 48,00 em Itapetininga (SP); R\$ 50,50 no CIF Campinas (SP); e R\$ 39,00/saco em Rio Verde (GO).

Na B3 de São Paulo, o contrato de setembro estava cotado a R\$ 49,19/saco no início do pregão da quinta-feira (30), novembro ficava em R\$ 50,50; janeiro em R\$ 51,02 e março em R\$ 51,50/saco.

Por outro lado, apesar da valorização do Real nos últimos dias, o milho brasileiro continuou barato na exportação, levando a um aumento da demanda internacional pelo produto. Tanto é verdade que os prêmios para o milho nos portos de embarque brasileiros igualmente subiram bem nas últimas semanas.

Diante de preços tão elevados, em relação ao comportamento histórico, o mercado começa a projetar uma safra bem maior para o ano 2020/21, caso o clima ajude. A ideia é que a mesma possa crescer 8%, devendo atingir um pouco mais de 112 milhões de toneladas, em uma área total de 19,28 milhões de hectares (+3% sobre o último ano). Somente para a safra de verão de milho espera-se uma área de 4,46 milhões de hectares (2% acima do ano anterior) e uma colheita ao redor de 28,4 milhões de toneladas (9% acima do registrado neste último ano). Para a safrinha 2021 a área poderá alcançar 14,82 milhões de hectares, com a produção podendo atingir a 83,7 milhões de toneladas (78,1 milhões no Centro-Sul e 5,6 milhões no Norte/Nordeste), o que representará 8% sobre o que deverá ser colhido nesta atual safrinha. (cf. Datagro)

Dito isso, em termos da atual safrinha, no Mato Grosso do Sul a colheita chegou a apenas 8,4% da área nesta semana, contra 54,9% na mesma época do ano anterior e 39,9% na média histórica para a data. A comercialização desta safrinha atingia a 49,2% do total, superando o registrado no mesmo período do ano anterior. Em termos de preço, os praticados atualmente estariam 41% acima da média registrada no ano passado nesta época naquele Estado. O Mato Grosso do Sul espera colher 8,65 milhões de toneladas nesta safrinha, com forte redução em relação ao ano anterior, e uma produtividade média de 76 sacos/hectare.(cf. Famasul)

Já em Goiás, a colheita continua avançando e pressionando os preços locais para baixo. Enquanto isso, no Paraná, a colheita atingiu a 26% da área até o dia 27/07, sendo que as áreas que restam a colher apresentam 45% em condições boas, 38% médias e 17% ruins. O Estado paranaense espera colher 11,4 milhões de toneladas nesta safrinha, ou seja, quase 2 milhões a menos do que o inicialmente esperado. A produtividade média deverá alcançar 88,3 sacos/hectare. (cf. Deral)

E no Mato Grosso, a colheita chegava a 87% da área até o dia 24/07, com preços pressionados para baixo, porém, ainda quase 30% superiores aos praticados na mesma época do ano passado. Os preços locais estão elevados pelos mesmos motivos encontrados no restante do Brasil e, igualmente, porque o Estado está consumindo mais milho devido a demanda de indústrias de etanol, além do maior consumo junto à pecuária local. (cf. Imea)

Em termos gerais, a safrinha já estaria colhida em 52% da área até o dia 24/07, com ainda 10% em São Paulo, 43% em Goiás e 12% em Minas Gerais, além dos Estados citados anteriormente. No mesmo momento do ano passado esta colheita atingia a 74% da área, enquanto a média histórica é de 52%. (cf. Safras & Mercado)

Em paralelo, a SECEX anunciou que nos primeiros 18 dias úteis de julho o Brasil exportou 2,74 milhões de toneladas de milho. A média diária continua 41% abaixo da média registrada em julho de 2019. O ganho em dólares ficou menor em 44,3% em relação ao mesmo período do ano passado. O preço da tonelada caiu para a média de US\$ 162,40, ou seja, 5,6% a menos do que o registrado em julho de 2019.

MERCADO DO TRIGO

A cotação do trigo, para o primeiro mês cotado, oscilou bastante durante a semana, terminando a quinta-feira (30) em US\$ 5,29/bushel, ou seja, no mesmo valor do fechamento de uma semana antes.

A colheita do trigo de inverno nos EUA avança bem, atingindo a 81% da área até o dia 26/07, contra 82% na média histórica. Já o trigo de primavera tinha 1% colhido, contra 3% na média histórica, com as condições de suas lavouras variando entre 68% entre boas a excelentes; 25% regulares e 7% entre ruins a muito ruins.

Po outro lado, as exportações estadunidenses de trigo, na semana anterior, atingiram a 544.010 toneladas, ficando dentro do esperado pelo mercado, com o total exportado no atual ano comercial superando em 8% o total do ano passado na mesma época.

Por sua vez, na Argentina, o plantio da nova safra de trigo atingiu a 94% da área nesta atual semana. Houve redução no ritmo deste plantio devido as chuvas no Sul do país, enquanto no Centro-Norte permanece o déficit hídrico, comprometendo a futura produtividade final. A área semeada com trigo no vizinho país continua sendo esperada em 6,5 milhões de toneladas, com uma produção final, agora, ao redor de 20 milhões de toneladas, contra as 22 milhões inicialmente esperadas.

Já na União Europeia, a produtividade média do trigo macio deverá recuar para 5.540 quilos/hectare, perdendo 60 quilos/ha em relação as estimativas do mês de junho.

Enquanto isso, na Austrália, as chuvas que vieram interromper uma seca que persistiu durante três anos naquele país, o plantio de trigo ganhou nova vida, gerando projeções de safra muito grande. Assim, a safra 2020/21 está sendo projetada em 26,7 milhões de toneladas, com um aumento de 75% sobre a produção do ano anterior, devendo atingir o maior volume desde o recorde histórico de 35,1 milhões de toneladas atingido em 2016/17. A média da produção australiana nos últimos 10 anos é de pouco mais de 24 milhões de toneladas. Alguns analistas chegam a projetar uma colheita, neste ano, ao redor de 30 milhões de toneladas se a parte Ocidental do país receber boas chuvas nos próximos dois meses. Como a colheita de trigo na Austrália se dá especialmente em outubro, ainda é preciso esperar pelo clima.

Aqui no Brasil, enquanto o plantio está encerrado na maior região produtora, que é o Sul do país, os preços se mantêm firmes. O balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 55,26/saco (um ano atrás, nesta data, o preço médio do trigo gaúcho era de R\$ 41,05/saco), enquanto em Santa Catarina, na região central o preço atual ficou em R\$ 56,00/saco e no Paraná o mesmo permaneceu entre R\$ 58,00 e R\$ 60,00/saco.

Por enquanto, o clima tem sido positivo no Sul do país, porém, as geadas intensas desta semana no Rio Grande do Sul, com temperaturas abaixo de zero em muitas localidades, podem ocorrer igualmente no Paraná nestes dias, provocando estragos consideráveis nas lavouras locais. O Paraná tem escapado de intempéries maiores neste inverno, apesar do excesso de chuvas em alguns momentos, porém, agora chegou o período decisivo da planta de trigo em boa parte das regiões.

Vale destacar que São Paulo está otimista com o trigo neste ano, esperando atingir uma produção total de 300.000 toneladas nesta safra, o que seria 20% acima do registrado em 2019.

Assim, em havendo uma produção normal, e diante de um câmbio que volta a se aproximar dos R\$ 5,00/dólar, tornando as importações mais baratas em reais, o preço nacional do trigo, a partir de setembro, quando começa a colheita no Paraná, pode não se sustentar, frustrando as recentes expectativas de manutenção de preços firmes, de parte do mercado, em relação a esta safra. A questão chave, além do câmbio, continua sendo o clima, especialmente no Paraná e no Rio Grande do Sul.